

## HIERARQUIA

20-10-

OS jornais não estranham mais. Parece uma coisa que está dentro da lógica do regime, uma coisa natural. Mas eu peço desculpas para lembrar que nunca houve isso, e para dizer que ainda não me acostumei.

A comissão de dirigentes dos sindicatos que estão fazendo a greve em São Paulo teve uma conferência com o ministro do Trabalho. Depois foi ao Catete e se entendeu com o presidente da República, chegando com ele a uma fórmula de acôrdo, que teve a aprovação do presidente da Federação das Indústrias de São Paulo, chamado a Palácio na ocasião. Depois disso que fizeram os dirigentes sindicais? Foram ao Ministério da Guerra.

Tivessem ido antes ao ministro da Guerra e já seria algo sem sentido. Ir lá depois de ir ao Catete ainda tem menos sentido, ou tem sentido demais.

Ora, o leitor dirá: se o sr. Kubitschek não se incomoda com isso, por que vai se amofinar o Braga, que nem é presidente, nem ministro, nem nada?

Na verdade o fato em si não me interessa; afinal os dirigentes operários, que foram levados ao Catete e ao Palácio da Guerra por alguns deputados, entre os quais o Falcão, que é deputado do próprio general Lott e advogado da Orquima, não ganharam nada com o passeio. Ouviram um discurso do general sobre direito trabalhista e se retiraram de cara à banda.

O que penso, entretanto, é que a prática democrática não ganha nada com essa mania de ouvir e cheirar o ministro da Guerra a propósito de tudo. O ministro da Guerra tem suas atribuições próprias; ele não pode e não deve meter o nariz, nem a espada, em assuntos estranhos aos negócios de sua pasta.

Dirá o leitor que ele não se mete nessas coisas; o pessoal é que o mete. Eu direi que seu dever como ministro era se negar a tomar conhecimento de assunto já levado à consideração do presidente da República, e, além disso, da competência de uma pasta que não é a sua. Pois sim! O general fez um discurso, e chegou até a dar sua opinião sobre projetos de lei de assuntos trabalhistas em trânsito no Congresso...

A culpa não será do general Lott, será das rãs que pedem um rei. Esperemos que o general Lott não confunda essas rãs com a Nação; que não julgue o cidadão brasileiro por esses politicóides e pelegos que vão sabujamente beijar suas botas e sua espada de ouro, a propósito de tudo, ou de nada. E reflita que os regimes democráticos, como os exércitos organizados, também precisam de hierarquia. Se o presidente da República não lhe diz isso, não será mal que alguém lhe diga; e tenho dito...